

**“NÃO CABIA TODO MUNDO...”:
A educação patrimonial na ressignificação do valor
simbólico da Casa da Feitoria**

Cristina Seibert Schneider*
Gabriela Passos Selau**

RESUMO

O presente artigo discute processos de identificação e sua relação com a preservação do patrimônio e a educação patrimonial. Parte-se do pressuposto que o valor simbólico do patrimônio cultural é construído a partir dos referenciais histórico culturais que são valorizados e salvaguardados em locais específicos, como os Museus, que a educação patrimonial possui uma relação íntima com a construção destes sentidos simbólicos e que estes são responsáveis pelos processos de identificação da comunidade. A pesquisa desenvolveu-se por meio de um estudo de caso que analisou as relações estabelecidas entre a comunidade local, formada em sua maioria por descendentes de imigrantes alemães e afrodescendentes, e o Museu do Imigrante, patrimônio estadual que ruíu em 2019. Para tanto, a metodologia de pesquisa desenvolveu-se a partir da *bricolagem* (MEYER; PARAISO, 2014) e utilizou-se de entrevistas compreensivas, análises bibliográficas e visitas de campo. Como resultados, constatou-se que as relações dos entrevistados com este lugar de memória divergem de acordo com a fala de cada grupo social. A unanimidade em suas narrativas dizem respeito, no entanto, ao interesse comum em viabilizar este espaço construindo e reforçando processos de identificação da comunidade para com este patrimônio. A educação patrimonial pode, portanto, ser uma importante ferramenta para a apropriação deste bem cultural, numa perspectiva de resistência à homogeneização cultural e aos processos de espetacularização das cidades.

Palavras-chaves: Museu do Imigrante; educação patrimonial; processos de identificação; espetacularização;

* Docente de graduação e pós-graduação na Escola de Humanidades, Indústria Criativa, Gestão e Negócios da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutora em Planejamento Urbano e Regional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: seiberts@unisinos.br

** Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: gabip.s@hotmail.com

ABSTRACT

This article discusses identification processes and their relationship with heritage preservation and heritage education. It is assumed that the symbolic value of cultural heritage is built based on historical cultural references that are valued and safeguarded in specific places, such as Museums, that heritage education has an intimate relationship with the construction of these symbolic meanings and that these are responsible for community identification processes. The research was developed through a case study that analyzed the relationships established between the local community, formed mostly by descendants of German immigrants and Afro-descendants, and the Immigrant Museum, a state heritage site that collapsed in 2019. To that end, the research methodology is developed from bricolage (MEYER; PARAISSO, 2014), used comprehensive interviews, bibliographic analyzes, and field visits. As a result, it was found that the interviewees' relations with this place of memory differ according to the speech of each social group. The unanimity in their narratives, however, concerns the common interest in making this space viable by building and reinforcing the community's identification processes for this heritage. Heritage education can, therefore, be an important tool for the appropriation of this cultural asset, in a perspective of resistance to cultural homogenization and the processes of spectacularization of cities.

Keywords: Museum of the Immigrant; heritage education; identification processes; spectacularization

Introdução

A Casa da Feitoria – Museu do Imigrante localiza-se no bairro Feitoria, em São Leopoldo. Constituída por diferentes histórias, memórias e culturas, foi construída em 1788 pelo Governo Imperial para ser utilizada como sede da Real Feitoria do Linho Cãnhamo. Edificada através de trabalho escravo, tinha como intuito a produção de fibras para fabricação de linho e cordas para navios. Segundo Meira e Silva, Leonardo (2017), a sede foi desativada em 1824, alguns meses antes da chegada dos imigrantes alemães. A Casa abrigou os primeiro germânicos que chegaram a região, sendo assim reconhecida como Casa do Imigrante. Desde então, os processos de perpetuação da cultura teuto-brasileira ganharam destaque sendo, no entanto, enfraquecidos com o governo do Estado Novo.

Nas primeiras décadas do Brasil república, durante do governo de Getúlio Vargas “[...] a preocupação com a identidade que viria a representar a nação foi muito incisiva.” (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 3). Dessa forma foi desenvolvida, em 1937, a proposta de tombamento da Casa da Feitoria (edificação da época do Brasil

colonial), uma vez que “[...] preservar os bens culturais do passado **era estratégico para reforçar o sentimento de brasilidade e auxiliar na construção de uma identidade hegemônica** prioritária para o governo getulista.”. (MEIRA; SILVA, LEONARDO, 2017, p. 3, grifo nosso).

Neste período, a língua e a cultura dos imigrantes alemães estavam sendo propositalmente apagadas¹, desta forma o tombamento da Casa do Imigrante surge com a possibilidade de valorizar a cultura e manter a memória destes povos. A restauração da Casa, no entanto, deu-se de tal forma que descaracterizou a arquitetura luso brasileira original, forçando assim uma memória teuto-brasileira. Infelizmente, mais do que homenagear a cultura dos imigrantes que ali se instalaram, delimitou-se também, naquele momento, as culturas e memórias que seriam apagadas.

Mais do que um patrimônio cultural, a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante é um lugar de memórias, sendo muitas vezes palco de comemorações e homenagens à imigração alemã. De acordo com Ramos (2019, trabalho inédito não publicado), em 1924, como forma de comemoração ao Centenário de Imigração Alemã, passeios foram realizados à Casa do Imigrante com o intuito de rememorar as culturas ali presentes. Em 2024 completam-se 200 anos desta imigração e as expectativas de comemorações não são poucas. Segundo o Jornal NH (2019) a comemoração aos 195 anos da imigração alemã (realizada na São Leopoldo Fest) deu início aos preparativos para o Bicentenário de Imigração.

No dia 05 de março de 2019, parte da Casa do Imigrante desabou devido à falta de manutenção e restauro para com o patrimônio. Os maiores prejuízos ficaram destinados à edificação, uma vez que o acervo já havia sido transferido para outro local desde 2013, data em que o acesso à Casa foi desativado. A intenção, segundo o G1 (2020), é de que o restauro da Casa da Feitoria - Museu do Imigrante esteja concluído até 2024, data de comemoração dos 200 anos da vinda dos primeiros imigrantes alemães ao município, que na época ainda era considerado Colônia de São Leopoldo. "Eu trabalho com o cronograma de 2024, que é quando vamos comemorar o bicentenário da imigração alemã no Brasil, esse aqui é o marco zero", declarou o Presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo em entrevista ao G1 (2020). As comemorações envolvem o restauro da edificação, juntamente com a criação de um

¹ Em decorrência dos processos de Nacionalização desenvolvidos pelo Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas, entre os anos de 1937 à 1946.

amplo parque turístico cultural.

Em sua matéria sobre o desabamento da Casa do Imigrante, o jornal G1(2019) trouxe a educação patrimonial como uma importante ferramenta de fomento à preservação deste bem edificado. De acordo com a reportagem, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do RS -IPHAE, em conjunto com a Secretaria de Cultura do Estado, projetou um Plano de Ações e Metas referentes à educação patrimonial, com o intuito de “[...] engajar de forma sistemática a sociedade na preservação.” (G1, 2019). Assim como Schutz (2018, p. 13), compreendemos que “[...] o patrimônio cultural possibilita a reconstrução simbólica de memórias, a valorização da cultura e o fomento de sentimentos de pertencimento [...]”.

Ao mesmo tempo, Françoise Choay (2006, p. 243) denuncia o que chama de uma “inflação patrimonial” na contemporaneidade com a perda da “competência de edificar”, gerando uma “síndrome patrimonial” de acúmulo de objetos das mais diferentes naturezas com a finalidade de preservação. A autora descreve, com clareza, a dupla função que o patrimônio cultural adquiriu: “[...] obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos” (p. 211).

No caso de projetos de revitalização urbana em grandes cidades, empreendidos em todo o mundo em áreas históricas degradadas, o que as pesquisas acadêmicas apontam é a forte presença do capital mundializado voltado a processos de espetacularização das cidades, desprezando o caráter estético e artístico relacionado à preservação da cultura popular, a arquitetura vernácula e demais manifestações culturais (BIDOU ZACHARIASEN, 2006; CASTRIOTA, 2009; JACQUES, 2005). O estreitamento da relação entre os setores de serviços, das novas tecnologias e a oferta de equipamentos culturais, de lazer e consumo atraem camadas sociais altamente qualificadas, gerando processo de gentrificação, subordinando as políticas urbanas aos interesses do capital fundiário, do capital imobiliário em associação com capitais dos setores do turismo e entretenimento.

Nesse processo, a identidade local e as edificações dos centros históricos tornam-se produtos a serem explorados economicamente e exibidos para os turistas, e o bem cultural é transformado em mercadoria como restaurantes e bares de luxo, sobrepondo-se às necessidades da coletividade produtora dessa mercadoria. Para análise destas questões, o capítulo seguinte apresenta o conceito de cultura, memória e patrimônio, e desenvolve

relações entre estes e os processos de identificação social, identidade, globalização, pós-modernidade e educação patrimonial.

O presente trabalho possui como metodologia de pesquisa um estudo de caso sobre as relações estabelecidas entre a comunidade e este patrimônio cultural. O método de investigação se dá a partir do conceito de bricolagem e utiliza de entrevistas compreensivas (com lideranças locais, moradores e pesquisadores que estudam São Leopoldo) para reconhecer os sentimentos de identificação social da comunidade para com a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante e suas expectativas quanto ao restauro dessa edificação.

Caminho metodológico

Ao analisar e considerar as diversas falas e posicionamentos de diferentes atores sociais sobre um mesmo objeto, a bricolagem surge como uma possibilidade de “[...] respeitar os diversos olhares e experiências que permeiam a sociedade multicultural contemporânea, **a bricolagem altera a lógica dominante na produção de conhecimentos.**” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 610, grifo nosso).

É importante destacar, segundo Neira e Lippi (2012), que a pesquisa científica embasada na bricolagem constitui-se em um modo de investigação que analisa como fator central o contexto dos objetos de pesquisa e as relações de poder entre este e seus agentes:

[...] na bricolagem a subjetividade e o posicionamento político não são descartados. Construir conhecimentos a partir de múltiplas vozes exige saber qual a origem das explicações fornecidas e quais experiências sociais influenciam os olhares sobre o fenômeno investigado. Ou seja, é preciso ouvir diversas explicações sobre o objeto para que o pesquisador possa percorrer inúmeros caminhos, aproximar-se e, talvez, chegar a múltiplas interpretações. (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 611).

Devido ao fato de acolher e respeitar diversos pontos de vista, a bricolagem tem sido uma alternativa potente aos Estudos Culturais. “Para os Estudos Culturais, revelar os mecanismos pelos quais se constroem determinadas representações é o primeiro passo para reescrever os processos discursivos e alcançar a formação de outras identidades.” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 609). Ao compreender que as mudanças político-sociais e culturais atravessam os posicionamentos pós-modernos e modificam ou solidificam relações de poder, pode-se

refletir melhor sobre os Estudos Culturais e sua relação com os ideais pedagógicos.

Dessa forma desenvolvemos nossa técnica de pesquisa através do viés da entrevista compreensiva semiestruturada de análise qualitativa (Silva, Rosália, 2006, p. 46). Com a entrevista compreensiva buscamos desenvolver, a partir da multirreferencialidade, uma aproximação com os pensamentos da comunidade local do bairro Feitoria/SL para com o patrimônio cultural da Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, compreendendo a multiplicidade cultural da região e seus impactos na construção de identidades, assim como as relações de pertencimento estabelecidas por este patrimônio.

Constituída a partir de três conceitos base (multirreferencialidade, escuta sensível e artesanato cultural), a entrevista compreensiva propõe, para além de análises, um movimento de compreensão dos entrevistados. Compreender diferentes perspectivas e pontos de vistas, contextualizando-os com a sociedade e os discursos de poder que os envolvem.

Antes de continuar, é relevante destacar que o contexto de calamidade pública sob qual todos estamos vivendo e as medidas de isolamento social como tentativas de retardo e diminuição desta pandemia (COVID-19), impactam diretamente no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa. Respeitando o isolamento social, as entrevistas foram desenvolvidas de forma *online* a partir da plataforma de comunicação virtual Zoom e pelo *Face Time* do Whastapp. As entrevistas foram realizadas individualmente e ficaram gravadas (com autorização de cada um). Em um caso específico, o entrevistado preferiu responder a um questionário (ao invés da entrevista) que foi enviado e respondido por e-mail.

As entrevistas compreensivas e os questionários foram realizados com moradores, lideranças locais e pesquisadores do município de São Leopoldo². Oito pessoas foram entrevistadas, entre homens e mulheres, com idades que variam de 27 à 74 anos. As formações acadêmicas dos entrevistados vão do ensino médio a pós-graduação e suas profissões são: Presidente e diretor voluntário do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo; Historiadora e Pesquisadora do IPHAE; Secretária da diretoria da Associação de

² Mostra por conveniência

trabalhadores da Feitoria; Empresário; Assistente Social do Neabi³ – UNISINOS; Professor da UNISINOS. Os nomes são fictícios. Trabalhamos e refletimos sobre essa pequena amostragem sem o intuito de generalizar, mas sim de pensar e questionar sobre o que está sendo feito, o que pode mudar e quais ações precisam ser tomadas.

Compreendendo o significado: “não cabia todo mundo”

Para que edificações, expressões culturais, tradições e práticas sociais sejam tombadas ou registradas como patrimônio cultural, é necessário que tenham um valor simbólico para a comunidade. Assim, para transformar-se em patrimônio, essas heranças culturais precisam despertar sentimentos de identificação na sociedade à qual pertencem.

Quando os patrimônios estão repletos de memórias que conversam e interagem com a história inicia-se a construção da identidade deste bem cultural e ele passa a ser considerado um lugar de memória. O valor simbólico dos lugares está intimamente associado a estas memórias. “Não somente a memória objetiva da história, mas buscando uma abordagem afetiva onde o vínculo social com o lugar é um processo de construção da memória de cada um de nós”. (COSTA, 2008, p 152).

É a partir do valor simbólico destes bens e da compreensão dos patrimônios como lugares de memória que nascem os sentimentos de identificação. Para Costa (2008) o valor simbólico do patrimônio surge de sentimentos afetivos despertados pelas memórias coletivas e individuais, produzindo assim, processos de identificação e pertencimento.

Assim como Otávio Costa (2008) Michel Pollack (1989) compreende que a construção do valor simbólico se dá a partir das memórias. Para Pollack (1989), essa construção ocorre principalmente a partir das memórias estruturadas, que reforçam sentimentos de pertencimento, criando muitas vezes barreiras socioculturais.

Nasce assim uma disputa entre as memórias enquadradas e as memórias subterrâneas e o que as diferencia, muitas vezes, diz respeito à parte da história que cada uma acessa e resguarda. A

³ Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UNISINOS. O Neabi é um programa de pesquisa e extensão da Universidade do Vale do Rio dos Sinos que visa a reeducação das relações étnico raciais, atuando também na área social.

memória enquadrada é a que mais ganha destaque hoje na Casa do Imigrante.

A memória enquadrada é construída e legitimada para ser propagada. É aquela que é lembrada nos museus, patrimônios, nos lugares de memória, nas datas comemorativas, nos heróis da história... É a memória das tradições, das músicas típicas, da culinária e dos modos de vidas. Segundo Pollak (1989, p. 3), apoiado em Halbwachs, essa memória reforça “a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo” (1989, p. 3) construindo assim, uma “comunidade afetiva.”

“A Casa da Feitoria foi sempre referendada pelos alemães como “O lugar da chegada”, “O primeiro abrigo”, né? Não cabia todo mundo, evidentemente, mas é a casa, o lugar, a grande referência para todos os que trabalham ali. Quando tu fala em São Leopoldo, sobre a imigração alemã, essa é a grande referência.” Ester.

É um fato histórico que a Casa da Feitoria abrigou os primeiros imigrantes alemães que chegaram à cidade e esta, sem dúvida, é uma parte extremamente importante da história, a parte que foi escolhida para ser lembrada: a memória enquadrada. A imigração alemã é a atual referência cultural da Casa do Imigrante. Fixou-se neste patrimônio a memória destes imigrantes e o valor simbólico da Casa ancorou-se nessa perspectiva. No entanto, essa não é a única parte da história.

Em contraposição às memórias enquadradas e para além das narrativas hegemônicas, existem as memórias subterrâneas. Remetem àquelas memórias individuais que não receberam prestígio perante a história e a sociedade. São, segundo Pollak, as memórias “dos excluídos, dos marginalizados e das minorias” (1989, p. 4) e geralmente contrapõem as memórias enquadradas e oficiais. Esses dois tipos de memórias “[...] têm em comum o fato de testemunharem a vivacidade das lembranças individuais e de grupos durante dezenas de anos, e até mesmo séculos!” (POLLAK, 1989, p. 8). Ambas memórias se referem ao passado, o que as diferencia são as interpretações históricas feitas por cada uma.

As memórias individuais e subterrâneas que constituíram e constituem essa Casa sofreram, pouco a pouco, tentativas de apagamento histórico, dando espaço à uma única memória hegemônica.

“Fui descobrindo que se trata de um patrimônio fundamental para São Leopoldo. Com a transformação da ‘Casa da Feitoria’ em ‘Casa do Imigrante’ deu-se na minha opinião uma espécie de ‘usurpação cultural’. Talvez a expressão possa ser percebida como demasiadamente forte, mas às vezes expressões fortes se fazem necessárias para sacudir o torpor da naturalização das injustiças históricas. É inegável que os recém vindos imigrantes alemães tiveram como primeira morada a conhecida ‘Casa da Feitoria’ e que por isso, por causa desse uso foi posteriormente rebatizada de ‘Casa do Imigrante’. Falo em usurpação porque neste processo de ‘ressignificação’ daquele prédio deu-se muito pouca importância à preservação da memória dos seus primeiros usuários que foram os negros (africanos escravizados) que trabalhavam na Feitoria do Linho Cãnhamo. O mais chocante é que simplesmente se substituiu o nome, sem dar maior importância ao nome anterior [...]”. Ian.

As memórias subterrâneas dessa Casa não contrapõem, no entanto, as memórias enquadradas nem a história oficial deste patrimônio, mas complementam e enriquecem o valor simbólico deste bem cultural.

“Eu penso o seguinte! A gente até tá construindo esse processo, né? Reconstruindo, né? De que a ideia que: se é um Museu do Imigrante, e o imigrante não é somente germânico, o imigrante é todo o que imigrou de alguma forma! [...] Mas também trazer toda a cultura da cidade de São Leopoldo pra dentro daquele espaço. Não é concebível que se tenha apenas uma cultura hegemônica! Né?”. Simone.

Canclini (2019) apoiado em Monsiváis e Bartra, reflete sobre as representações nacionais e as compreende, muitas vezes, como uma espetacularização da história e das relações sociais. Esse processo de espetacularização pode ser redirecionado também para as esferas locais. Estudos recentes apontam para as comunidades, os grupos e as organizações que compõem a sociedade civil como o eixo mais importante para a implementação e consolidação da cultura nas políticas de desenvolvimento e apontam a incorporação do nível de governo mais próximo, ou seja, o municipal, para a implementação de programas com impacto no desenvolvimento (SEMPERE, 2012; ARIZPE, 1998). Segundo Choay (2006), questões como a preservação e a valorização dos tecidos degradados da cidade ou o processo de gentrificação, expulsando a comunidade local e transformando-a em representação falseada voltada ao turismo e, ainda nas palavras da autora, em uma “embalagem” (p. 226) que se dá ao patrimônio histórico urbano, precisam ser discutidas e avaliadas

pela comunidade organizada nos conselhos e pelos atores sociais, em parceria com o setor público e privado.

Por ter recebido imigrantes de diversas nacionalidades São Leopoldo constituiu-se em um local de diversidade cultural e a Casa da Feitoria – Museu do Imigrante é parte importante dessa pluralidade cultural. Muitos moradores da cidade, no entanto, não conhecem sua história. Referendada como berço da imigração alemã e a Casa da Feitoria tem atuado como uma prova física deste fato. Todos conhecem a cultura germânica da cidade, mas pouco se fala ou se sabe sobre as outras origens étnicas e culturais que construíram este local. O valor simbólico da cidade ainda está muito ligado a cultura germânica.

De acordo com Costa (2008), o valor simbólico do local é formado a partir das relações estabelecidas entre a paisagem e as memórias das pessoas que o habitam. Para que tenha valor, é preciso então, que este local estabeleça conexões com as memórias e com as emoções de quem nele vivem.

A relação entre paisagem e memória, está assentada na geografia da percepção, na existência de um conjunto de signos que estruturam a paisagem segundo o próprio sujeito e refletindo uma composição mental resultante de uma seleção plena de subjetividade a partir da informação emitida por seu entorno. (COSTA, 2008, p. 150).

Além de sua relação com as memórias, o valor simbólico do patrimônio cultural “é construído pelos símbolos representados através das referências básicas para seus moradores e suas relações cotidianas.”. (COSTA, 2008, p. 153). Dessa forma, assim como com as memórias, esse valor simbólico pode sofrer tentativas de enquadramento, pois seu valor está intimamente ligado àquilo que é referenciado e destacado nesse patrimônio.

Segundo Costa (2008, p. 154) o patrimônio cultural possibilita “[...] o conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia”. Através das relações sociais, histórico-culturais, das memórias e do valor simbólico destes bens edificados, surgem os processos de identificação dos indivíduos para com essa herança cultural.

Ao referir-se à Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, Ester compreende a potência deste patrimônio para a geração de valor simbólico e processos de identificação da comunidade. Destaca também a necessidade de valorizar a riqueza deste lugar:

“Acho que é uma representação, mas ela tá, ela tá muito pouco trabalhada, muito pouco usada, muito pouco integrada. É um referência pra todos que tu fala mas, muitas pessoas não se sentem representadas. Eu já fui, eu já fiz falas aqui em São Leopoldo e tal e as pessoas dizem assim: ‘não mas eu não nasci aqui e eu não me sinto representada nesta Casa’”. Ester.

Estes processos de identificação são extremamente importantes do ponto de vista social, uma vez que desencadeiam sentimentos de pertença das pessoas para com o local, gerando sentimentos de respeito e cuidado com sua história. Mais do que isso, possibilitam a quebra de preconceitos, uma vez que acolhem e valorizam a diversidade sociocultural.

Ainda sobre os processos de identificação, César posiciona-se em conformidade com as falas de Ester mas complementa sua percepção destacando a falta de conhecimento que comunidade local possui com relação à Casa. O conhecimento da história do local é extremamente importante para que se estabeleçam os processos de identificação.

“Eu acho que se sentem representados, percepção minha. Mas eu acho que não reconhecem a história, isso não há dúvida, tá? Essa história não... não é conhecida. [...] Ela é muito mais um marco de entrada, é quase um pórtico de entrada da região da Feitoria. Eu acho que consciente ou inconscientemente a ligação de todo mundo é com aquele marco físico, com aquele ‘cheguei na Feitoria’. Enfim aquela construção que te marca: a entrada da Casa, né?”. César.

Se por um lado, o sentimento de tristeza e impotência desconcertam uma parte dos moradores da região, outra parte demonstra indiferença perante a queda da edificação em 2019. Isso porque não se sentem representados por este patrimônio. Este sentimento se dá por um apagamento de sua história. De acordo com Funari (2001), os patrimônios culturais preservam geralmente as culturas dominantes.

“No nosso trabalho de pesquisa algumas pessoas da comunidade disseram: ah isso não me representa. Né? Eles tinham muito essa questão. A população negra em si principalmente o povo de matriz africana coloca muito essa questão de... Como a gente não está ali, né? Não tem uma visibilidade daquele espaço então: ‘ah então se cair problema não é nosso’. [...] o fato que a gente percebeu é que como não há uma representatividade da população negra no espaço, há esse apagamento, né? Um embranquecimento desse processo da

construção do negro, o negro não se identifica. Então se ele não se identifica pra ele... Sabe? Não impacta, entende?". Simone.

Segundo Pedro Funari (2001), muitos são os motivos que desencadeiam a falta de valorização patrimonial e de atenção das pessoas quanto à necessidade de manutenção, preservação e reparo destes bens. A carência de recursos financeiros destinados ao poder público é com certeza um grande fator que potencializa a deterioração destes patrimônios. A falta de pertencimento, como mostrada na fala de Simone, também resulta em um desinteresse das pessoas para com o patrimônio. Em conformidade a estes sentimentos de ausência de identificação e pertencimento, há também desconhecimento e desinformação sobre este bem cultural.

Torna-se necessário questionar também o que são esses processos de identificação, qual o valor simbólico presente hoje na Casa do Imigrante e como ampliar esses sentimentos de pertencimento da comunidade local para com a Casa, despertando cada vez mais a importância deste patrimônio. Nas narrativas dos entrevistados é possível perceber que há um carinho com esta edificação, há um entendimento da necessidade de preservação e um envolvimento com esta edificação.

A vontade de reabrir este Museu, a compreensão de sua importância para com o bairro Feitoria e as expectativas para o seu restauro foram demonstradas com entusiasmo pelos entrevistados. Além disso, pude perceber que suas ideias andam em conjunto. Todos querem ter a Casa reformada e esperam que esta não seja apenas um ponto de referência de um projeto maior, mas sim o destaque em forma de patrimônio que preserve as culturas e as histórias deste local.

O turismo também aparece presente nas falas de alguns entrevistados como uma importante alternativa para manter essa localidade. Ao falar de turismo, no entanto, é necessário tomar cuidado para que não se transforme esse espaço em um lugar espetáculo onde o patrimônio se reduz a um produto de consumo. Segundo Schneider (2017), a educação patrimonial surge como uma importante alternativa contra essa espetacularização do patrimônio cultural. Ao ser questionada sobre suas expectativas quanto ao restauro da Casa, Simone não teve dúvidas.

“Que dentro do contexto da Casa tenha um espaço africano. A gente possa se rever dentro da Casa. Que tenha uma estrutura lá dentro da própria Casa que diga, que os indígenas também, estiveram aqui.

Porque aqui essa, toda essa região do Vale dos Sinos era uma aldeia Kaingang. A gente não fala sobre isso mas era uma aldeia Kaingang. Por que que os Kaingangs... a cultura Kaingang tem que tá ali dentro. A cultura afro tem que tá ali dentro. [...] Pra que a gente se reconheça. Porque quando a gente tem uma identidade alienada a gente não se reconhece.” Simone.

Reeducar talvez seja a palavra que mais represente a necessidade de mudança nesse espaço. Reeducar olhares para que percebam e acolham a todos. Reeducar para que se ampliem os processos de pertencimento. Reeducar para aprender a valorizar, acolher e respeitar. É nessa perspectiva de reeducação que destacamos a educação patrimonial.

Compreender o que é um patrimônio cultural e sua importância não é algo tão simples. Para que seja possível se apropriar de suas histórias e heranças culturais (tanto materiais quanto imateriais), é necessário percorrer um processo de alfabetização patrimonial que pode ocorrer tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Museus, patrimônios e lugares de memórias são espaços potentes para uma educação não escolar. Isso porque são enriquecidos de histórias e culturas que materializam os processos de aprendizagem, apropriação e identificação histórico-social. Por outro lado, os professores possuem um papel extremamente importante na educação patrimonial, uma vez que essa educação geralmente se inicia na escola e transcende para outros espaços.

É imprescindível que o educador conheça e esteja intimamente ligado aos conceitos e as questões que perpassam o patrimônio cultural. “[...] se os professores não se apropriarem do tema e o trabalharem em sala de aula, não faltará aqueles que o farão, muitas vezes sem os critérios necessários para uma reflexão crítica.”. (MAGALHÃES, 2011, p. 1).

A educação patrimonial tem o intuito de aproximar as pessoas de suas heranças culturais, possibilitando assim, um contato com patrimônios locais, construindo e reforçando processos de apropriação cultural e identificação social. Através da educação patrimonial e de leituras de mundo, surgem construções identitárias que desenvolvem sentimentos de pertença e valorização de lugares. (SABALLA, 2007). Possibilita também um vínculo entre a escola, os patrimônios e a sociedade. De acordo com Saballa (2007, p. 24), “Os métodos da educação patrimonial [...] permitem priorizar práticas pedagógicas que envolvam a comunidade, possibilitando descobertas e partilhas de conhecimentos elaborados e adquiridos.”.

De acordo com Magalhães (2011), o Brasil tem adotado uma perspectiva de valorização cultural, prevendo o trabalho com o patrimônio cultural em leis que regem a educação no país. Atualmente, o currículo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, previsto pela BNCC, salienta a relação entre a educação e o patrimônio cultural. (SILVA, Rodrigo, 2020). Estruturada sobre dois pilares centrais, a BNCC desenvolve-se a partir das noções de competências e habilidades. Baseada nos direitos humanos, no respeito (ao ambiente e ao coletivo) e em valores sociais como: coletividade, solidariedade, participação e protagonismo, a Base Nacional Comum Curricular prevê uma educação que abarque uma formação ética preocupada com as diversidades culturais e desigualdades sociais (BNCC, 2018, p. 354).

Dessa forma, a educação patrimonial ganha espaço na BNCC na área das Ciências Humanas através da valorização de museus, arquivos, trabalhos de campo, observações, etc.; Práticas educativas que potencializam as descobertas e instigam a criticidade. Através do ensino de história e geografia nos anos iniciais, a BNCC busca desenvolver nos educandos “[...] o reconhecimento do Eu e o **sentimento de pertencimento** dos alunos à vida da família e da comunidade.”. (BNCC, 2018, p. 355, grifo nosso).

Desde 1999 com a criação do Guia Básico de Educação Patrimonial, escrito por Horta, Grunberg e Monteiro, estudos, encontros e movimentos têm sido desenvolvidos e pensados a partir da perspectiva de valorização do patrimônio cultural. Trabalhos importantes e relevantes ganharam força nesta área, valorizando e reconhecendo a importância da educação patrimonial.

A Base Nacional Comum Curricular orienta as escolas na construção de seus currículos educacionais. O destaque que este documento reservou às valorizações culturais e patrimoniais é mais um passo para a facilitação da implementação da educação patrimonial nos currículos escolares. Quanto a atual relação entre o IPHAE, os municípios e as escolas, Fernanda destaca a produção e o desenvolvimento de projetos específicos de educação patrimonial. A intenção é que no futuro estes projetos possam ganhar continuidade.

“Existe um fundo de apoio a cultura, que são recursos do estado e lançam editais para projetos específicos. E o ano passado, em março de 2019, foi lançado o edital para projetos específicos de educação patrimonial. [...] Já começou a acontecer, os recursos já foram liberados, já foi feita toda a seleção. Teve uma série de inscritos. Ele

foi um projeto voltado para as prefeituras municipais, então várias prefeituras se inscreveram. A de São Leopoldo se inscreveu, foi aprovada e tem um projeto da prefeitura de São Leopoldo inclusive que tá dentro desse edital do IPHAE que tá acontecendo esse ano aí. [...] Eu me lembro de ter lido o projeto de São Leopoldo, um projeto muito bom para envolver a comunidade de São Leopoldo no reconhecimento de seu patrimônio. [...] Mais de 20 prefeituras que estão desenvolvendo ações de educação patrimonial com o acompanhamento do IPHAE.”. Fernanda.

De acordo com Magalhães (2011), a educação patrimonial desenvolve-se a partir de um caráter político, uma vez que permite aos alunos a apropriação e conhecimento de suas histórias e culturas, deslocando-os de um posicionamento passivo e tornando-os responsáveis pelo meio ao qual estão inseridos. Essa educação desperta e possibilita o reconhecimento dos lugares e a apropriação dos locais, admitindo e percebendo a coexistência de diversidades culturais.

Segundo este mesmo autor, essas ações favorecem a compreensão das manifestações culturais e dos patrimônios. O “[...] local é entendido como espaço do plural [...]”. (MAGALHÃES, 2011, p. 4) e as manifestações do tempo são percebidas através de um espaço de transformação. Tudo isso auxilia na construção dos processos de identificação.

Ao ser questionada sobre suas expectativas para com a educação patrimonial referente a Casa da Feitoria – Museu do imigrante, Ester desenvolve suas ideias e posicionamentos na mesma linha de pensamento de Magalhães.

“Que esta Casa seja a representação de todas as etnias, especialmente alemã e negra escravizada e lusa. Todos podem fazer dessa Casa a sua, a sua origem pra esta região. [...] E onde tá o papel da escola fazer isto? Contar essa história, perguntar, trazer informações, não é? [...] Pedir que as crianças façam entrevistas com seus pais, ver se todo mundo é dali: quem é? Quem não é? Como é que pensa? Como é que vê? O que que... sabe? Despertar a curiosidade. [...] Depois ela nunca mais vai deixar de ser importante.”. Ester.

Envolvendo os ideais de Ester e voltando o olhar para a aplicabilidade desta educação patrimonial nas escolas de São Leopoldo e na Casa da Feitoria – Museu do Imigrante, Fernanda propõe atitudes práticas para esse ensino.

“Eu acho que tinha que ter dois movimentos. Tanto dos institutos terem uma estrutura maior pra ter um programa... uma equipe e um programa constante, pra fazer isso, quanto essa sensibilização das famílias, das comunidades com esse tema. [...] Falta provocação para que este interesse seja maior. Não só na educação patrimonial como na própria preservação, né? Que a sociedade se volte mais para isso.”. Fernanda.

Mais do que ampliar o conhecimento sobre os patrimônios histórico-culturais, gerando maior conscientização e preservação destes bens históricos, a educação patrimonial visa possibilitar

[...] que o estudante e o professor possam considerar sua comunidade, sua comunidade escolar, seu município, como elementos pertinentes para uma reflexão sobre suas identidades e para a construção da cidadania no cotidiano das instituições de ensino. (SILVA, Rodrigo, 2015, p. 220).

Atualmente, a educação patrimonial vai além do caráter metodológico que a constituiu no início dos anos 90 do século XX. Mais do que preservar e salvaguardar as histórias e culturas destes bens edificados, esta educação tem como intuito desenvolver novas significações a estes patrimônios. Rememorar, reenquadrar memórias, desenvolver processos de identificação, quebrar estereótipos, repensar desigualdades sociais e valorizar diversidades culturais são alguns dos alicerces que sustentam a necessidade e a importância da educação patrimonial dentro e fora da sala de aula.

Considerações Finais

Os patrimônios culturais têm sido, na pós-modernidade, uma ferramenta potente tanto para a valorização da diversidade cultural quanto para o seu contrário. Ao que parece, os sentimentos de identificação não foram desenvolvidos a partir de uma aproximação com este patrimônio e com sua história, mas sim a partir de construções de narrativas de valorização e pertencimento ao lugar.

A Casa é vista como um marco da imigração alemã na região e por isso é considerada importante pelos moradores locais. No entanto, quando analisamos em uma perspectiva micro e individual, não há uma ligação entre os moradores do bairro Feitoria e a Casa do Imigrante. Não há um sentimento de pertencimento e os elos afetivos para com este patrimônio são superficiais.

Por outro lado, embora não possuam uma relação íntima com

a Casa, foi possível perceber, em todos os relatos, um grande respeito com esta edificação. Com a análise das entrevistas, compreende-se que, embora os laços individuais dos moradores com esta edificação sejam escassos ou inexistentes, as expectativas para restaurar e manter esse patrimônio se mantêm vivas.

A ideia que foi constituída para a cidade de São Leopoldo desenvolveu-se a partir de uma perspectiva de colonização alemã. Pouco se sabe até hoje sobre a presença dos descendentes africanos e dos nativos indígenas que viveram e ainda vivem no local. Da mesma forma, a cultura valorizada é a europeia.

Através da educação patrimonial torna-se possível questionar e desenvolver percepções sobre as ausências culturais da Casa. Ao refletir e estranhar a falta de valorização e identificação dos afrodescendentes e indígenas neste local, se desenvolve uma educação do olhar. E ao romper com a aceitação dessas ausências, damos os primeiros passos para a quebra de estereótipos racistas na construção de identidades individuais. Dessa forma, ao trabalhar conceitos como patrimônios, culturas e memórias, a escola desenvolve uma ampliação do repertório cultural de seus alunos e, mais do que isso, discute a necessidade de situações de igualdade.

Mas para viabilizar ações e políticas de preservação, é necessário tanto ações fortemente ancoradas nas carências materiais e demandas básicas quanto ações voltadas para a educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 9.394/1996 – prevê, no artigo 1º, que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, ou seja, identifica os contextos culturais das pessoas como importante espaço de formação dos sujeitos. Horta (2006) afirma que se trata de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, tendo como foco o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento tanto individual como coletivo.

O patrimônio cultural estimula em crianças e adultos um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, a partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura em seus múltiplos aspectos, sentidos e significados. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, 2006). Em seu artigo *Errâncias urbanas, a arte de andar pela cidade*, Jacques propõe que a alternativa para o espetáculo urbano passa por uma apropriação

popular e participativa do espaço público a fim de deixar de ser cenário urbano e se tornar palco urbano, “espaço de trocas, conflitos e encontros” (JACQUES, 2005, p. 19).

Assim, a educação patrimonial consiste na implementação de ações educativas de investigação, apropriação e valorização do patrimônio cultural, essenciais na formação da identidade e da cidadania, tendo em vista que o trabalho com a produção cultural das gerações que nos antecederam permite reativar os processos da memória: descobrir como nossos antepassados produziam a satisfação de suas necessidades, como resolviavam seus problemas imediatos e como se organizavam socialmente (MACHADO, 2004).

A participação dos professores, das escolas, das universidades, das Secretarias de Educação e diferentes atores na construção de projetos e ações educacionais que envolvam a comunidade na preservação e salvaguarda dos patrimônios culturais, no conhecimento de suas histórias e na valorização de suas culturas e memórias, é mais que puramente uma ação de educação patrimonial, é também uma possibilidade de educar a sociedade em uma cultura de paz.

Referências

- ARIZPE, L. La cultura como contexto del desarrollo. In: EMMERIJ, L. (Org.) **El desarrollo económico y social en los umbrales del siglo XXI**. Washington: BID. 1998.
- BIDOU ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos. São Paulo: Bonablume, 2006.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- CASA do Imigrante desaba em São Leopoldo. **G1RS**. 05 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/03/05/casa-do-imigrantedesaba-em-sao-leopoldo.ghtml>. Acesso em 20 mar. 2020.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume, 2009.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. 3 ed. São Paulo: Unesp, 2006.

COSTA, Otávio. **Memória e paisagem**: em busca do simbólico dos lugares, espaço e cultura. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: UERJ. 1993-2008.

FUNARI, P.P.A. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 41, n 1-2. 2001.

HORTA, Maria de Lurdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Museu Imperial, 2006. (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

JACQUES, Paola Berenstein. **Errâncias urbanas**: a arte de andar pela cidade. In: Revista Arquitexto 7. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. **Educação Patrimonial**: orientações para professores do ensino fundamental e médio. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2004.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. Educação Patrimonial e Memória Coletiva: A Percepção de Alunos de Ensino Fundamental Acerca do Patrimônio Cultural Local. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer; SILVA, Leonardo Corá da. A preservação da casa do colono alemão em São Leopoldo: germânica ou nacional? In: ARQUIMEMÓRIA 5 - ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO, 2017, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: IAB-BA, 2017. p. E2_045.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Educação & Realidade*, [S.L.], v. 37, n. 2, p. 607-625, ago. 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s2175-62362012000200015>. Acesso em: 02 jul. 2020.

PARTE da Casa do Imigrante sofre desabamento em São Leopoldo. **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 05 mar. 2019. Disponível em: <https://jornalnh.com.br/noticias/regiao/2019/03/2383901-parte-da-casa-do-imigrantedesaba-na-feitoria.html>. Acesso em 20 mar. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>. Acesso em: 12 Jul. 2020.

SABALLA, Viviane Adriana. Educação Patrimonial: “Lugares de memória”. **Revista MOUSEION**, Osório, 2007, p. 23-25, 2007.

SCHNEIDER, Cristina Seibert. **As cidades de tempos lentos**: o patrimônio cultural entre sinais de letargia e lucidez. 2017. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SCHUTZ, Laís Specht. **Conhecer para preservar**: A educação patrimonial como antídoto para a cidade-espetáculo. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

SELAU, Gabriela Passos. **“NÃO CABIA TODO MUNDO..”** Memórias enquadradas e subterrâneas da Casa da Feitoria. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

SEMPERE. Alfons Martinell. **As relações entre cultura e desenvolvimento no contexto atual**. 2012. Disponível em: Acessado em 31 de outubro de 2015.

SILVA, Rosália de Fátima e. Compreender a “entrevista compreensiva”. **Revista Educação em Questão**, [S.L], v. 26, n. 12, p. 31-50, ago. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4504>. Acesso em: 02 jul. 2020.